

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

João Luiz Gasparin

Universidade Estadual De Maringá
gasparino1@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em nosso trabalho profissional, muitas vezes, o imaginamos como algo externo a nós, que realizamos em um determinado lugar. Finda a tarefa, voltamos para casa como se nossa profissão ficasse no lugar físico em que é desenvolvida. Todavia, nós somos nosso trabalho em todos os momentos de nossa vida. Somos formados e conformados por nosso trabalho, físico, intelectual ou espiritual.

As diversas profissões identificam as pessoas, os profissionais. Boff (1997) afirma que vemos e pensamos o mundo a partir de onde estão plantados nossos pés. Isto significa que a profissão que exercemos é um pedestal que nos possibilita e mesmo nos constringe a ver e julgar o mundo a partir deste referencial.

O presente artigo expressa uma parte da pesquisa, que estamos ainda desenvolvendo, sobre a *Organização do Trabalho Pedagógico como princípio educativo no processo de formação docente*.

O objetivo deste artigo consiste em explicitar alguns fundamentos da Organização do Trabalho Pedagógico como princípios educativos, e verificar possíveis aplicações em situação escolar no processo de formação de docentes, na educação básica e superior. A questão que nos desafiou à pesquisa foi assim formulada: *por que e como, no atual contexto sócio-educacional, a organização do trabalho pedagógico pode ser considerada um princípio educativo na formação dos docentes da educação básica e superior?*

Os resultados obtidos, até o momento, evidenciam que, para a implementação de uma nova forma de organização do trabalho pedagógico, como princípio educativo na formação docente, é necessário ir aos fundamentos desta ação, isto é, o trabalho.

O TRABALHO COMO FUNDAMENTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Todos os processos que ocorrem em sala de aula devem ser entendidos e explicados sempre em uma perspectiva mais ampla da organização do trabalho pedagógico na escola e esta organização no contexto sócio-cultural maior da sociedade capitalista, tendo como princípio fundante o trabalho.

Diante desta perspectiva, é possível aceitar o trabalho capitalista assalariado, em sua forma atual, como princípio educativo na formação docente? Devemos, por outra parte, assumir o trabalho em sua forma de valor de uso como princípio pedagógico?

O trabalho como criador de valor de uso é o que transforma a natureza e produz bens úteis que satisfazem necessidades particulares do ser humano, por isso é um trabalho necessário e essencialmente constitutivo da vida humana.

O trabalho, como valor de uso, na concepção de Marx, gera e mantém a vida dos seres humanos. Desta forma, para Frigotto (2005) esta concepção torna-se um princípio educativo.

Se levarmos em conta que a organização do trabalho, por sua forma mais desenvolvida, é um princípio educativo para cada época e para cada sociedade, devemos, coerentemente, assumir que as classes dominantes decidem a educação. Nas palavras de Marx (1986), p. 72:

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação. [...] Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias.

A força material dominante da sociedade capitalista se caracteriza pela posse dos meios de produção, pela posse dos produtos dos trabalhos realizados pela classe assalariada; pelo domínio das relações sociais, econômicas e políticas. A posse desta materialidade e sua conseqüente representação intelectual tem como conseqüência o domínio das idéias das outras instâncias sociais, entre elas a educação e a formação docente.

Esta dependência do pensamento em relação à materialidade não significa, todavia, que ela se opera de maneira automática e linear. Entre um extremo e outro há muitas outras determinações intermediárias, tais como teorias filosóficas; concepções educacionais, científicas e religiosas; novas tecnologias; normas, leis, política educacional; ambiente cultural, tudo isso condiciona a formação docente e o seu fazer.

Assim, a educação e, de modo especial, a formação profissional precisa ser repensada, pois, ao mesmo tempo em que ela é uma expressão decorrente de uma

determinada forma de trabalho – o capitalismo – pode ser também uma resposta pedagógica contra-hegemônica, contestatória das condições inumanas a que são reduzidos os trabalhadores bem como a formação docente.

Os períodos históricos e as Revoluções Industriais marcam as formas de trabalho e as conseqüentes manifestações culturais e educacionais. Assim, a Terceira Revolução Industrial, denominada de acumulação ou produção flexível, que representa a atual etapa do capitalismo, constitui um novo modo de ser social, sem alterar a essência de sua dominação.

A proposta educacional que convém a esta nova modalidade de produção é a que incentiva a competitividade que se torna, segundo o empresariado, o novo paradigma pedagógico. Conforme Rodrigues (2005, p. 115), “a educação foi chamada para resolver as demandas da industrialização fordista; a educação está sendo agora conclamada a atender as novas demandas do padrão de acumulação flexível”. Em ambos os casos evidencia-se a subordinação da educação e da organização do trabalho pedagógico ao sistema capitalista.

A formação dos profissionais da educação, por meio da organização do trabalho pedagógico, requer uma compreensão adequada do que seja trabalho, para, a partir deste conceito, verificarmos como ele atua e conforma o processo e os princípios da formação docente e do trabalho do professor no ensino e aprendizagem escolares.

Segundo Freitas (2008, p. 97), “trabalho, em sentido geral, é a maneira como o homem se relaciona com a natureza que o cerca com a intenção de transformá-la e adequá-la às suas necessidades de sobrevivência (apropriação/objetivação. É pelo trabalho que o homem interage com a natureza modificando-a, produzindo conhecimento sobre a mesma, e modificando a si mesmo”.

Todavia, o trabalho pedagógico, em sala de aula, encontra-se, frequentemente, desvinculado das práticas sociais mais amplas e, de modo especial, da prática do trabalho produtivo. Assim, “a organização do trabalho pedagógico e da sala de aula é desvinculada da prática, porque desvinculada do trabalho material. Portanto, neste

contexto, só pode criar uma prática artificial, que não é o trabalho vivo” (FREITAS, 2008, p.99-100). Desta forma, não é o trabalho artificial na produção do conhecimento que conta como princípio educativo, mas sim o trabalho útil, o que possui valor social.

Partindo do pressuposto de que a classe dominante e a classe trabalhadora se relacionam de maneira diversa com o trabalho material, e sendo a escola uma expressão da classe dominante, pode-se facilmente entender que a ação do professor reproduz a visão desta classe que não se prepara para o trabalho material. Nas palavras de Freitas (2008, p. 102), “as classes dominantes (capitalistas e gestoras) não se preparam para o trabalho, mas sim para dirigir os que trabalham”. Daí que, nesta estrutura capitalista, a escola não se orienta diretamente para o trabalho material, mas para a gestão do trabalho, reproduzindo a divisão do trabalho manual e intelectual presente na sociedade global.

Qualquer que seja a organização do trabalho pedagógico, em suas diversas dimensões, é necessário compreendê-lo no contexto da sociedade global, dentro das grandes transformações que estão se processando em todos os campos do mundo capitalista.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da investigação, obtidos até o presente momento, nos permitem afirmar:

1. A organização do trabalho pedagógico como princípio educativo tem como fundamento a forma atual do trabalho capitalista, tanto em sua forma material quanto intelectual e imaterial;
2. O Projeto Político-Pedagógico, tanto do Curso de formação de docentes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental em nível médio, na modalidade normal, quanto nas licenciaturas, constitui-se a forma de gestão escolar que orienta a formação dos futuros docentes;
3. As metodologias de ensino de cada professor, em sua área específica de conhecimento, são processos que tanto formam o docente que os utiliza quanto os alunos que se preparam para a futura docência, uma vez que os fundamentos teórico-práticos possuem a mesma base: a forma capitalista

de trabalho;

4. A escola como instituição social interdependente não é totalmente livre na organização social de seu trabalho pedagógico. Torna-se necessário conhecer seus limites e possibilidades para não reproduzir mecanicamente a estrutura social da forma de trabalho, mas posicionar-se, crítica e politicamente, sobre ela a fim de realizar uma formação docente que possibilite ao ser humano realizar-se como pessoa e profissional nesta nova sociedade;
5. Para a formação de cidadãos e profissionais-docentes críticos, é fundamental conhecer as novas formas de trabalho no sistema capitalista, para saber como elas atuam sobre a formação docente. Somente a partir deste conhecimento é possível prever as formas contra-hegemônicas de luta no processo de formação e atuação docente.

O desafio que nos cabe responder, tendo a Organização do Trabalho Pedagógico como princípio educativo, é: Como realizar essa tarefa se todo o trabalho escolar e sua organização encontram-se sob a égide do trabalho imaterial, não produtivo?

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha** – uma metáfora da condição humana. Petrópolis: vozes, 1997.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria. **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. ed. DP&A e SEPE: Rio de Janeiro, 2005.

MARX, Karl. **A ideologia alemã** (I-Feuerbach). 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

RODRIGUES, José. A educação e os empresários: o horizonte pedagógico do capital. In: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATA, Maria. **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. ed. DP&A e SEPE: Rio de Janeiro, 2005.